



## ESTADOS UNIDOS

# "Czar da fronteira" promete caçar ilegais

Depois de ser anunciado por Trump como diretor do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE), Tom Homan afirma que agentes aumentarão as batidas em locais de trabalho de não documentados. Republicano também nomeia embaixadora da ONU

» RODRIGO CRAVEIRO

Julio Cesar Aguilar/AFP



Migrantes da América Central tentam atravessar o Rio Bravo e entrar nos EUA, a partir do México, em 2019: Trump quer fortalecer fronteira

Horas depois de ser nomeado pelo presidente eleito Donald Trump para o cargo de diretor do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE), Tom Homan revelou, em entrevista ao programa *Fox & Friends*, da emissora de televisão Fox News, que o governo do republicano intensificará as batidas em locais de trabalho de imigrantes ilegais. Trump prometeu a maior operação de deportação e massa de estrangeiros não documentados da história dos Estados Unidos. "Onde encontramos a maioria das vítimas de tráfico sexual e tráfico de trabalho forçado? Nos locais de trabalho", disse Homan, ao explicar a decisão. Atualmente, mais de 11 milhões de imigrantes não documentados vivem nos EUA — cerca de 3% da população.

Por telefone, o mineiro Pitó (ele prefere ter apenas o apelido divulgado) — que mora ilegalmente na Filadélfia (Pensilvânia) desde 2018 — falou ao **Correio** e não escondeu o medo. "Deus toma conta, né? Ele sabe o que faz", desabafou, ao ser questionado sobre a possibilidade de batidas da Imigração em seu local de trabalho. "Deus vai tocar no coração de Trump para saber se o imigrante também pode desfrutar de oportunidades. Se eles fecharem a fronteira, não sei o que vai acontecer. Dá medo? Dá. Dá um frio na barriga danado", admitiu. "Mas nunca vi, pessoalmente, ninguém sendo pego no serviço, apesar de saber de casos assim. Temos que esperar uns cinco meses para ver o que o Trump vai fazer. Nós somos imigrantes, mas ajudamos muito os americanos e valorizamos os EUA, também."

Pitó, 32 anos, disse achar "engraçado" o fato de alguns imigrantes torcerem para que Trump leve adiante o seu programa de deportação. "Muitos falam que eles só vai mandar embora as pessoas

que não prestam. Mas não pensam que, no meio deles, muitos imigrantes corretos e sem documentos podem ser levados juntos. Quem vem para os Estados Unidos é porque quer alguma coisa na vida. Acho que Trump pode fazer coisas boas para os EUA e ruins para os imigrantes."

O carpinteiro mineiro Júnior Alves, 40, que trocou a cidade de Gonzaga (MG) pela Filadélfia, em 2005, disse à reportagem que tem "muito medo" de ser capturado pela ICE no local de trabalho. "Muitos imigrantes que vêm no cai-cai (pegos pela Imigração, ficam presos por dois ou três dias e conseguem entrar nos EUA) vieram para cá conseguiram uma autorização de trabalho de três

ou cinco meses. Quem tem a autorização pode trabalhar bem. Para quem não pegou nada, a história é desafiadora. Você está trabalhando, e a Imigração bater na obra ou em uma loja brasileira é muito ruim. Eles prendem e têm 30 dias para fazer a deportação. É muito ruim ficar preso e longe da família", comentou. "A proposta de Trump deveria ser: 'Eu te dou tantos dias para você arrumar suas coisas e ir embora. Não ser algo tão invasivo.'"

Júnior espera que Trump dê a oportunidade para o imigrante pagar os impostos e permanecer nos Estados Unidos. "Seria uma opção muito boa. Tanto para o país quanto para o imigrante que deseja ficar", explicou.

"Tenho o prazer de anunciar que o ex-diretor do ICE e defensor do controle de fronteiras, Tom Homan, se unirá ao governo Trump, como responsável pelas fronteiras da nossa nação ('O Czar da Fronteira')", publicou Trump em sua rede social Truth Social, na noite de domingo. "Eu conheço Tom há muito tempo e não há ninguém melhor para policiar e controlar nossas fronteiras. Ele ficará responsável por todas as deportações de estrangeiros ilegais", acrescentou o republicano.

De acordo com o site The Hill, Homan foi um dos primeiros defensores da política de "tolerância zero" que foi aplicada durante o primeiro governo Trump (2016-2020) e culminou na separação de 4 mil crianças de seus pais, depois

que as famílias foram capturadas na fronteira com o México. Dessa vez, ele anunciou que vai priorizar "ameaças à segurança pública e nacional" para a expulsão dos EUA. Durante a campanha eleitoral, Trump prometeu reconquistar as cidades "tomadas", segundo ele, pelos ilegais e fechar a fronteira com o México.

### Nações Unidas

No domingo à noite, Trump anunciou a congressista republicana Elise Stefanik, 40, para o cargo de próxima embaixadora dos Estados Unidos na ONU. "Elise é uma combatente incrivelmente forte, dura e inteligente" da causa dos "Estados Unidos



**Eu conheço Tom (Homan) há muito tempo e não há ninguém melhor para policiar e controlar nossas fronteiras. Ele ficará responsável por todas as deportações de estrangeiros ilegais"**

**Donald Trump**, presidente eleito dos Estados Unidos

em primeiro lugar", afirmou o presidente eleito, que tomará posse em 20 de janeiro. Segundo a agência France Presse, eleita para o Congresso em 2014 aos 30 anos, Stefanik inicialmente se colocou como uma voz moderada, mas gradualmente foi se tornando pró-Trump.

Defensora de Israel, em dezembro de 2023, Stefanik fez duras críticas à então reitora da Universidade de Harvard, Claudine Gray, sobre as manifestações a favor da Palestina no campus. Gay renunciou, em meio à forte pressão. O governo israelense demonstrou satisfação com a nomeação da congressista. A Agência de Proteção Ambiental (EPA) ficará a cargo de Lee Zeldin, um ex-congressista republicano de 44 anos. Trump disse que Zeldin é um defensor das políticas de "Estados Unidos em primeiro lugar" e que ele terá a responsabilidade de tomar "decisões desregulatórias rápidas".

Os nomes de Homan, de Stefanik e de Zeldin precisam da aprovação do Senado, seguindo os trâmites previstos pela Constituição dos Estados Unidos. Trump anunciou que tentará pular essa etapa, ainda que os republicanos tenham conquistado a maioria absoluta da Casa.

## ORIENTE MÉDIO

# Países árabes e muçulmanos condicionam paz ao fim da ocupação

Ao fim de uma cúpula da Organização para a Cooperação Islâmica e da Liga Árabe, em Riad, capital da Arábia Saudita, países árabes e muçulmanos exortaram Israel a se retirar de todos os territórios árabes que ocupa há 57 anos para viabilizar uma paz regional "global".

"Uma paz justa e global (...) não pode ser alcançada sem que se ponha fim à ocupação israelense de todos os territórios árabes ocupados" desde junho de 1967 — Cisjordânia e Jerusalém Oriental, Gaza e Colinas de Golá (Síria) — conforme a Iniciativa de Paz Árabe de 2002", que oferecia a Israel a normalização regional em troca da criação de um Estado palestino, afirma a declaração final do encontro. Os dirigentes das nações participantes da cúpula denunciaram um "genocídio" israelense em Gaza.

O príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Mohamed bin Salman, instou a comunidade internacional a "assumir suas responsabilidades (...) e colocar fim aos ataques israelenses contra nossos irmãos na Palestina e no Líbano".

O ministro das Relações Exteriores de Israel, Gideon Saar, rejeitou normalizar a relação com Riad em troca da criação de um Estado palestino, sob a alegação de que o mesmo será um "Estado do Hamas". "Não acredito que seja uma posição realista hoje e temos que ser realistas", declarou. Por sua vez, Israel Katz, ministro da Defesa de Israel, avisou que "não haverá cessar-fogo e não haverá pausa nos ataques contra o Hezbollah", ao citar o movimento fundamentalista xiita libanês. Ontem, um bombardeio israelense na região de Akkar, no norte do Líbano, uma área distante da fronteira com Israel, deixou ao menos oito mortos.

### Massacre

Eytan Gilboa, professor de relações internacionais da Universidade de Bar-Ilan, em Ramat Gan (perto de Tel Aviv), ironizou a declaração final da cúpula. "Eles próprios não acreditam no que estão dizendo e não gostariam do resultado que têm pedido. Entre 1979 e 1982, Israel se

Omar Al-Qataa/AFP



**Palestino se debruça sobre o corpo de familiar, do lado de fora do hospital Al-Shifa, na Cidade de Gaza**

Israel para desviar a atenção de seus próprios fracassos sociais e econômicos miseráveis. Mas, por debaixo da mesa, desenvolveram relações estratégicas com Israel, porque temem o Irã muito mais do que qualquer outra coisa", acrescentou.

Professor de relações internacionais da Universidade de Nova York, Alon Ben-Meir disse ao **Correio** que o apelo dos países árabes para que Israel se retire dos territórios ocupados em 1967 está "condenado ao fracasso". "O governo israelense de extrema-direita não só se recusaria a se retirar de qualquer um dos territórios ocupados, como está empenhado em novas anexações. Este governo não se retirará nem mesmo em troca de uma paz regional abrangente entre Israel e os Estados árabes." (Rodrigo Craveiro)

retirou de toda a Península do Sinai em troca da paz com o Egito. Também removeu suas tropas da Faixa de Gaza. Em troca, recebeu o massacre de 7 de outubro. Não faria sentido algum se retirar das Colinas de Golá e devolvê-las à Síria, que está ocupada pelo Irã. Com o 7 de outubro, o Hamas enterrou a criação de um Estado

palestino por muitos anos", afirmou ao **Correio**, por e-mail.

Para Gilboa, a menção sobre o genocídio na Faixa de Gaza não passa de "palavras vazias". "Eles mesmos sabem que Israel não comete genocídio. Querem apaziguar a própria opinião pública. Os líderes árabes têm sempre criticado

### Eu acho...

Arquivo pessoal



"Concordo com as críticas dos Estados árabes sobre a morte e a destruição massivas que ocorreram em Gaza. Embora Israel tenha todo o direito de se defender, a destruição e a morte que eles infligiram certamente não aumentarão sua segurança nacional e, na verdade, representarão uma ameaça maior no futuro. Eu acredito absolutamente que os israelenses que apoiaram este governo viverão para se arrepender, porque tudo o que aconteceu está plantando a semente para a próxima geração de palestinos que vingarão o que lhes aconteceu."

**Alon Ben-Meir**, professor de relações internacionais da Universidade de Nova York